

Revolução de Trinta: a ação tenentista garantiu a vitória¹

*Davis Ribeiro de Sena**

A MORTE DO LÍDER

O assassinato de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, presidente do Estado da Paraíba e candidato a vice-presidente da República pela Aliança Liberal, ocorrido na cidade do Recife (26/07/1930), foi o estopim da revolução nacional liderada por Getúlio Dornelles Vargas (17h30min de 03/10/1930), que depôs o presidente Washington Luís Pereira de Sousa. Havia cheiro de pólvora no ar, após a derrota eleitoral de 1º de março desse ano para Júlio Prestes de Albuquerque, o movimento armado deflagrado tinha sofrido a defecção de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, governador mineiro, substituído por Olegário Dias Maciel (07/09/1930). No Rio Grande do Sul, o 7º Regimento de Cavalaria (7º RC) (Santana do Livramento), 8º Regimento de Infantaria (Passo Fundo) e quartel-general da 3ª Região Militar (3ª RM) foram atacados a viva força por civis e policiais militares, sendo aprisionado o General-de-Divisão Gil Antônio Dias de Almeida, em pleno exercício do comando. Em Belo Horizonte (MG), o aquartelamento do 12º Regimento de Infantaria foi cercado e caiu no dia 08 seguinte.

Na cidade da Paraíba do Norte (hoje João Pessoa), o General-de-Brigada Alberto Lavenère Wanderley, comandante da 7ª RM (todo o Nor-

deste, do Maranhão à Bahia), foi morto com um tiro no estômago pelo Primeiro-Tenente Agildo da Gama Barata Ribeiro, na caserna do 22º Batalhão de Caçadores (22º BC). Houve luta renhida na evolução dos acontecimentos, cau-



Gen Bda Alberto Lavenère Wanderley
Comandante da 7ª RM (21 Mar 1929 a 03 Out 1930)

sando dezenas de baixas de ambos os lados, além de tiroteios travados em outros corpos de tropa, que resistiram ao assédio, particularmente nos três estados sulinos, porém a maioria aderiu espontaneamente aos revoltosos. O General-de-Divisão Antenor de Santa Cruz Pereira de Abreu foi nomeado comandante das forças em operações no Norte da República, mas não desembarcou do vapor *Comandante Capela*, ancorado em Salvador (BA), onde instalou seu posto de comando, deixando livres

¹ Colaboração do autor.

* O autor é Coronel d Cavalaria e historiador.

as ações do ex-capitão Juarez do Nascimento Fernandes Távora, que chefiou com êxito a revolução em todo Norte e Nordeste brasileiro.

Entretanto, a prevista batalha campal, que seria decisiva, entre forças do governo e revolucionárias (25/10), às margens do ribeirão Itararé (divisa entre os estados do Paraná e de São Paulo), não ocorreu, em face da capitulação legalista, no dia anterior (24 /10/1930). Nessa data, junta militar composta pelos generais-de-divisão Augusto Tasso Fragoso – decaído dos oficiais do Exército – e João de Deus Mena Barreto e o contra-almirante José Isaías de Noronha deu um golpe-de-estado, organizou o 1º Grupo de Regiões Militares (General Mena Barreto no comando e Coronel Bertoldo Klinger na chefia do estado-maior), derrubou o presidente constituído, prendeu o vice-presidente Fernando de Melo Viana e o Ministro da Guerra Nestor Sezefredo dos Passos, nomeou novo Ministério e, precedendo à revolução em marcha, assumiu o poder.

Despachadas diretrizes aos presidentes (hoje governadores) dos estados, Getúlio Vargas foi considerado simplesmente como um deles. O Coronel Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe do estado-maior revolucionário, não admitiu a situação imposta e refutando que o presidente da República era o candidato “esbulhado” nas últimas eleições, ordenou o deslocamento da tropa vitoriosa para o Distrito Federal, com o apoio do general honorário Olegário Maciel, afirmando este que a revolução não terminara com a queda de Washington Luís. Houve baderna na capital do país, empastelamento de jornais, saques na área comercial e distúrbios generalizados. Em 29 de outubro, o ex-sargento Vargas foi aclamado presidente na capital paulista e no dia seguinte, seguiu para a cidade do Rio de Janeiro, sendo ovacionado pela população. Uniformizado, sem

assumir qualquer posto militar, no dia 03 de novembro de 1930, tomou posse solene no mais alto cargo da nação, no palácio do Catete, não como presidente eleito, mas como líder da revolução triunfante. Mas esta é outra história ...

* * *

Em recente obra minuciosa e veraz, o saudoso historiador militar Alcyr Lintz Geraldo aborda com propriedade a “Revolução de 1930 na Paraíba”, apontando nomes, fatos e datas. É livro de leitura obrigatória para os estudiosos, pois escapa à mesmice de repetições genéricas, que constitui a maioria das publicações que tratam do assunto. Fundamentado no citado trabalho, o autor apresenta breves anotações sobre o tema, acrescidas de pesquisas e interpretações próprias, enfatizando os fastos desencadeados no Estado da Paraíba, que liderou aquela revolução no Norte / Nordeste, ao lado dos outros dois estados rebelados (Rio Grande do Sul e Minas Gerais), mais poderosos econômica e politicamente, mas não na disposição para a luta.

Mesmo em estudo modesto como este, citar a Revolta de Princesa – pequena localidade do sertão paraibano – ocorrida naquele estado entre 24/02 e 19/08 de 1930, fruto do choque de interesses que colocou em campos opostos e intransigentes o governador João Pessoa, que havia assumido as funções em 22/10/1928, e o “coronel” sertanejo José Pereira Lima, o mais abastado comerciante do sertão paraibano, principal fornecedor de gêneros alimentícios e de produtos manufaturados para o vale do Rio Piancó (era também representante da multinacional Esso de Petróleo), que se viu prejudicado pela política tributária estabelecida pelo novo governante.

A citada microrregião do semi-árido nordestino fora palco da violência social e política

que assolava a sociedade brasileira desde a libertação dos escravos: há alguns anos passados, o destacamento João Alberto da malsinada Coluna Miguel Costa – Prestes, que percorria o território nacional, vinda do sul do país, entrou no vilarejo de Piancó (09/02/1926), momento em que foi recebido a bala pelo padre Aristides Ferreira da Cruz, que resistiu na casa paroquial com alguns policiais e jagunços, matando um ex-sargento e ferindo outros atacantes. Ao sentir que não poderia reagir por mais tempo, entregou-se, acenando uma bandeira branca, porém foi perversamente estripado juntamente com mais 12 homens, cujos corpos foram lançados numa vala de esgoto ao ar livre. Consta que Osvaldo Cordeiro de Farias, um dos chefetes do movimento rebelde, estava presente, o que não impediu sua eleição a governador do Estado de Pernambuco (1954), já general-de-exército comandante da Zona Militar Norte, sediada na capital pernambucana, renunciando antes de concluir o mandato.

A REBELIÃO MILITAR

João Pessoa – sobrinho do ex-presidente da República Lindolfo da Silva Epitácio Pessoa, o grande cacique político do Nordeste, que o indicou – morava no Distrito Federal, onde exercia o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar e estava totalmente afastado dos problemas regionais. Idealista e enérgico, ao chegar, moralizou a Força Pública estadual e investiu frontalmente contra o coronelismo, que predominava na sociedade rural desde os tempos coloniais, protegendo o banditismo e o cangaço. Os “coronéis” influíam decisivamente na estrutura judiciária, por intermédio da composição dos júris populares e dos depoimentos das testemunhas convocadas para os julgamentos de contenciosos, ao tempo que controlavam

as delegacias policiais e acoitavam impunemente os foragidos da lei, em suas propriedades.

Imediatamente, o incansável governador entrou em rota de colisão com o presidente Washington Luís, tornada explícita no dia do “Nego” (29 de julho de 1929), eis que dotado de reconhecida capacidade de trabalho, administrador eficaz que era, vitalizou o porto de Cabedelo e melhorou rodovias, procurando abastecer seu estado pelo terminal marítimo local, contrariando os atacadistas do Recife e o ramo mais em evidência da família, os Pessoa de Queiroz, que lá residiam. Perseverante e altivo, tomava decisões importantes com presteza, desconsiderando as conseqüências decorrentes.

O governo da União era hostil à administração estadual, assim o 22º Batalhão de Caçadores (22º BC), com parada na capital paraibana, considerado legalista, mas sabidamente de tendência revolucionária – lá serviam os tenentes Jurandir de Bizarria Mamede, Juraci de Montenegro Magalhães, Paulo Cordeiro de Melo e Agildo da Gama Barata Ribeiro, todos comprometidos com o movimento revoltoso – estava cercado estrategicamente, à distância, por companhias destacadas dos 24º (São Luís), 25º (Teresina) 28º (Aracaju) e 29º BC (Natal), teoricamente leais ao governo central, bem como pelo aviso da Marinha *Muniz Freire*, ancorado em Sanhauá. Teoricamente, repita-se, pois a quase totalidade dos oficiais subalternos do Exército estava contaminada pelo vírus da rebeldia, estimulada por virulenta campanha da imprensa da capital do estado, que aliciava amplos setores da sociedade civil – à frente Antenor Navarro, José Américo de Almeida, Rui Carneiro e dezenas de outros líderes – todos voluntariamente sob a orientação do ex-capitão Juarez do Nascimento Fernandes Távora, futuro general da ativa e candidato derrotado à Presidência da República (1955), que saíra da clandestinidade

e assumira a liderança das ações marciais, por consenso revolucionário.

Irmão e herdeiro político do ex-capitão revoltoso, morto de arma na mão nas ruas da cidade de São Paulo (19/07/1924) Joaquim do Nascimento Fernandes Távora, de quem era 17 anos mais moço, católico fervoroso, Juarez foi o principal chefe da Revolução de Trinta em todo o Norte-Nordeste, todavia logo divergiu da ditadura getulista (1937-45) e passou à oposição, beneficiado pela anistia geral concedida pelo seu êmulo que propiciou a todos os cidadãos brasileiros o retorno às atividades normais independentemente do lado em que estiveram no passado. Muitos militantes ficaram famosos, outros fizeram carreiras marcantes nos campos civil e/ou militar, a saber: Nelson de Melo, ele próprio, Eduardo Gomes – candidato duas vezes à presidência da República, Manoel Mendes de Moraes, Djalma Soares Dutra, Osvaldo Cordeiro de Farias – que governou dois estados da Federação (interventor no Rio Grande do Sul e governador eleito de Pernambuco), João Alberto Lins de Barros – interventor em São Paulo, Afonso de Albuquerque Lima, Ari Parreiras, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata – interventor no Pará, Aristides Corrêa Leal, Juraci Montenegro Magalhães – interventor e governador eleito da Bahia, Ari Salgado Freire, Felinto Strubling Müller – senador e candidato a governador de Mato Grosso, Newton Estilac Leal – ministro da Guerra, Ernâni do Amaral Peixoto – interventor e governador eleito do Rio de Janeiro, Mário Portela Fagundes, Herculino Cascardo – interventor no Rio Grande do Norte, Edmundo de Macedo Soares – governador eleito do Rio de Janeiro, Protógenes Pereira Guimarães – ministro da Marinha, João Punaro Bley – interventor no Espírito Santo, Augusto Maynard Gomes, interventor e governador eleito de Ser-

gipe, Antônio de Siqueira Campos, Euclides Figueiredo, Ernesto Geisel – presidente do Brasil e último “tenente” e outros de realce semelhante. Como surgiu essa forte corrente política e militar que abalou as instituições republicanas?

Realizadas as manobras gerais de 1905, no campo de instrução de Santa Cruz (cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal) e identificadas as razões das duras baixas sofridas na campanha de Canudos (1896-77), que constatarem a reduzida operacionalidade da Força Terrestre, tornara-se urgente sua modernização, particularmente atualizando o nível profissional dos quadros e superando a exaustão da Guerra da Tríplice Aliança (1864-70). Assim, o Ministro da Guerra Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca decidiu enviar jovens oficiais à Europa para auferirem novos conhecimentos profissionais resultantes das guerras da Criméia, franco-prussiana e dos “bôers”, além de conhecerem as novidades técnicas e de emprego decorrentes da Revolução Industrial em andamento no mundo e que ainda não tinham chegado por aqui.

Com a vinda da Missão Francesa (1919), por decisão do ministro da Guerra civil Pandiá Calógeras (Raul Soares, também civil, na Marinha) foram construídos aquartelamentos e vilas militares, criadas escolas de aperfeiçoamento e de extensão, a instrução da tropa foi atualizada e os oficiais subalternos (“jovens turcos”) adquiriram nova mentalidade, absorvendo com ardor o lema “rumo à tropa”, divulgado pela revista militar *A Defesa Nacional* (1916), fundada por eles. Não tardou e criaram a Missão Indígena – capitães e tenentes instrutores da Escola Militar de Realengo, em contraposição à “missão estrangeira”, proclamando a implantação das idéias modernas por brasileiros. Estava semeado o fato gerador do “tenentismo”, movimento social que logo se alastrou

entre a maioria dos tenentes, muitos capitães e grande parte da oposição partidária sucessivamente aos presidentes Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Washington Luís, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, João Goulart e chegou ao poder em 31 de março de 1964. Julgava a jovem oficialidade que esta era a única maneira de salvar o Brasil da politicagem e da corrupção dos civis e o meio patriótico de conduzir o Exército, que procurava escapar da quase estagnação do final do século XIX, ingressando resolutamente em nova fase de progresso, impulsionando a nação brasileira.

Pois bem. Após a morte de João Pessoa e visando a controlar a preocupante situação, o General Lavenère transferiu o comando da 7ª RM para o aquartelamento do 22º BC, certo de que aquela unidade continuava legalista, ao passo que, sob as ordens do capitão João Facó, Princesa foi ocupada sem resistência por frações de tropas do 19º BC (Salvador) e do 20º BC (Maceió) e por uma seção de metralhadoras do 21º BC (Recife).

A sublevação detonou às 2h da madrugada de 04 de outubro de 1930, enquanto nos demais estados insurretos fora deflagrada às 17h30min do dia anterior. Juarez Távora explicou em livro de memórias que solicitara a Osvaldo Aranha, lugar-tenente de Getúlio Vargas, o adiamento do início da revolta por algumas horas, em virtude da companhia comandada por Juraci Magalhães entrar em prontidão no dia 04, obedecendo à escala de rodízio do serviço de prontidão imposto pelo comandante do 22º BC, entre as subunidades subordinadas, o que facilitaria o desencadeamento das operações. Obviamente, esse extemporâneo pedido, feito à 25ª hora, não foi atendido pelos dirigentes nacionais e valeu ao futuro postulante ao cargo de presidente do Brasil a desconfiança dos correligionários do sul do

país, que jamais absorveriam o fato de que o movimento insurrecional no Nordeste estourou algumas horas depois da sua eclosão em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Daí para frente, Távora e a maioria de seus comandados nordestinos estiveram em campos divergentes de seus companheiros que assumiram o poder, até o fim de suas vidas.

Na verdade, o ataque de surpresa ao quartel-general governista foi desfechado por Agildo Barata – ao mando de 18 civis fardados, recebidos de Antenor Navarro – que prendeu os oficiais desprevenidos e matou o general. Posteriormente, esse oficial revoltoso aderiu à ideologia comunista e negou, sem convicção, ter sido o agente do tiro fatal – sem indicar o autor do disparo – mas a análise isenta dos fatos e das personalidades envolvidas, e o relato de algumas testemunhas presentes ao episódio sangrento conduzem à conclusão de que foi o exaltado tenente quem feriu mortalmente o general comandante da 7ª RM. Depois de intervenção cirúrgica em condições adversas, a vítima faleceu no dia seguinte e foi promovida *post mortem* a general-de-divisão, no dia 15 do mesmo mês.

Findou a refrega nas dependências do 22º BC duas horas depois de iniciada e apresentou o saldo sinistro da morte de quatro oficiais legalistas e do cabo telefonista-de-dia, além de uns poucos feridos civis e militares. José Américo assumiu o governo estadual, ainda em 04 de outubro e Paulo Cordeiro, ao lado de Agildo Barata, dirigiu-se para a cidade do Recife, enquanto eram encerrados os combates no interior do Estado da Paraíba e enviadas colunas de marcha a Natal e a Fortaleza, para dar conta do êxito da revolução.

Participaram das ações, com maior ou menor intensidade, oito batalhões de infantaria do Exército, sediados nas capitais nordestinas, de São Luís a Salvador, além de elementos das

milícias estaduais e de civis voluntários. Seu principal chefe militar foi o coronel, depois general Góes Monteiro, que posteriormente assumiu o comando da 2ª RM (SP). O Coronel Eurico Gaspar Dutra comandante do 4º RCD (Três Corações, MG), não aderiu de imediato à revolução, sendo transferido para o comando do 11º RC (Ponta Porã, MS). Na evolução dos acontecimentos, já general, foi nomeado comandante da 1ª RM (DF, RJ, MG e ES) e conduziu as operações militares contra a Intentona Comunista de 1935, na capital federal.

O General Alberto Lavenère era pai do futuro Tenente-Brigadeiro Nelson Freire Lavenère Wanderley, que, como primeiro-tenente, integrou o 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira (FAB), nos céus da Itália e cumpriu 11 (onze) missões de combate, sendo ferido em ação. Pensador militar, foi ministro da Aeronáutica (20/04/1964 a 14/12/1964) e é o patrono do Correio Aéreo Nacional.

A revolução vitoriosa de 1930 abriu caminho para o ingresso do Brasil no século XX, com 30 anos de defasagem histórica. ●

Walter Russell Mead

UMA ORIENTAÇÃO ESPECIAL



*A política externa
norte-americana
e sua influência
no mundo*

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Coleção General Benício

Uma Orientação Especial

Walter Russell Mead

Imperdível retrospecto da tradição da política externa dos Estados Unidos, que, sob o olhar do autor, até o fim da Guerra Fria, estaria fundamentada em quatro escolas básicas, cada qual identificada com um líder político.